

DOMINGO IX DO TEMPO COMUM

CIC 543-546: todos os homens são chamados a entrar no Reino de Deus

543 *Todos os homens* são chamados a entrar no Reino. Anunciado primeiro aos filhos de Israel¹, este Reino messiânico é destinado a acolher os homens de todas as nações². Para lhe ter acesso, é preciso acolher a Palavra de Jesus:

«A Palavra do Senhor compara-se à semente lançada ao campo: aqueles que a ouvem com fé e entram a fazer parte do pequeno rebanho de Cristo, já receberam o Reino; depois, por força própria, a semente germina e cresce até ao tempo da messe»³.

544 O Reino é dos *pobres e pequenos*, quer dizer, dos que o acolheram com um coração humilde. Jesus foi enviado para «trazer a Boa-Nova aos pobres» (Lc 4, 18)⁴. Declara-os bem-aventurados, porque «é deles o Reino dos céus» (Mt 5, 3). Foi aos «pequenos» que o Pai se dignou revelar o que continua oculto aos sábios e inteligentes⁵. Jesus partilha a vida dos pobres, desde o presépio até à cruz: sabe o que é sofrer a fome⁶, a sede⁷ e a indigência⁸. Mais ainda: identifica-se com os pobres de toda a espécie, e faz do amor activo para com eles a condição da entrada no seu Reino⁹.

545 Jesus convida os *pecadores* para a mesa do Reino: «Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores» (Mc 2, 17)¹⁰. Convida-os à conversão sem a qual não se pode entrar no Reino, mas por palavras e actos, mostra-lhes a misericórdia sem limites do Seu Pai para com eles¹¹ e a imensa «alegria que haverá no céu, por um só pecador que se arrependa» (Lc 15, 7). A prova suprema deste amor será o sacrifício da sua própria vida, «pela remissão dos pecados» (Mt 26, 28).

546 Jesus chama para entrar no Reino, por meio de *parábolas*, traço característico do seu ensino¹². Por meio delas, convida para o banquete do Reino¹³, mas exige também uma opção radical: para adquirir o Reino é preciso dar tudo¹⁴. As palavras não bastam, exigem-se actos¹⁵. As parábolas são, para o homem, uma espécie de espelho: como é que ele recebe a Palavra? Como chão duro, ou

¹ Cf. Mt 10, 5-7.

² Cf. Mt 8, 11; 28, 19.

³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 5: AAS 57 (1965) 7.

⁴ Cf. Lc 7, 22.

⁵ Cf. Mt 11, 25.

⁶ Cf. Mc 2, 23-26; Mt 21, 18.

⁷ Cf. Jo 4, 6-7; 19, 28.

⁸ Cf. Lc 9, 58.

⁹ Cf. Mt 25, 31-46.

¹⁰ Cf. 1 Tm 1, 15.

¹¹ Cf. Lc 15, 11-32.

¹² Cf. Mc 4, 33-34.

¹³ Cf. Mt 22, 1-14.

¹⁴ Cf. Mt 13, 44-45.

¹⁵ Cf. Mt 21, 28-32.

como terra boa?¹⁶ Que faz ele dos talentos recebidos?¹⁷ Jesus e a presença do Reino neste mundo estão secretamente no coração das parábolas. É preciso entrar no Reino, quer dizer, tornar-se discípulo de Cristo, para «conhecer os mistérios do Reino dos céus» (Mt 13, 11). Para os que ficam «fora» (Mc 4, 11), tudo permanece enigmático¹⁸.

CIC 774-776: a Igreja, sacramento universal de salvação

774 A palavra grega *mysterion* foi traduzida em latim por dois termos: *mysterium* e *sacramentum*. Na interpretação ulterior, o termo *sacramentum* exprime prevalentemente o sinal visível da realidade oculta da salvação, indicada pelo termo *mysterium*. Neste sentido, o próprio Cristo é o mistério da salvação: «Nem há outro mistério senão Cristo¹⁹. A obra salvífica da sua humanidade santa e santificadora é o sacramento da salvação, que se manifesta e actua nos sacramentos da Igreja (que as Igrejas do Oriente chamam também «os santos mistérios»). Os sete sacramentos são os sinais e os instrumentos pelos quais o Espírito Santo derrama a graça de Cristo, que é a Cabeça, na Igreja que é o seu Corpo. A Igreja possui, pois, e comunica a graça invisível que significa; e é neste sentido analógico que é chamada «sacramento».

775 «A Igreja em Cristo é como que o sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano»²⁰. Ser sacramento da *união íntima do homem com Deus*, eis a primeira finalidade da Igreja. E porque a comunhão dos homens entre si radica na união com Deus, a Igreja é, também, o sacramento da *unidade do género humano*. Nela, esta unidade já começou, pois reúne homens «de toda a nação, raça, povo e língua» (Ap 7, 9). A Igreja é, ao mesmo tempo, «sinal e instrumento» da plena realização desta unidade, que ainda há-de vir.

776 Como sacramento, a Igreja é instrumento de Cristo. «É assumida por Ele como instrumento da redenção universal»²¹, «o sacramento universal da salvação»²², pelo qual o mesmo Cristo «manifesta e simultaneamente actualiza o mistério do amor de Deus pelos homens»²³. É o «projecto visível do amor de Deus para com a humanidade»²⁴, segundo o qual Deus quer «que todo o género humano forme um só povo de Deus, se una num só Corpo de Cristo e se edifique num só templo do Espírito Santo»²⁵.

¹⁶ Cf. Mt 13, 3-9.

¹⁷ Cf. Mt 25, 14-30.

¹⁸ Cf. Mt 13, 10-15.

¹⁹ SANTO AGOSTINHO, *Epistula* 187, 11, 34: CSEL 57, 113 (PL 33, 845).

²⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 1: AAS 57 (1965) 5.

²¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 9: AAS 57 (1965) 13.

²² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

²³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 45: AAS 58 (1966) 1066.

²⁴ PAULO VI, *Allocutio ad Sacri Collegii Cardinalium Patres* (22 de Junho de 1973): AAS 65 (1973) 391.

²⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 7: AAS 58 (1966) 956; cf. Id, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 17: AAS 57 (1965) 20-21.

CIC 2580: a oração de dedicação do Templo de Salomão

2580 O templo de Jerusalém, a casa de oração que David queria construir, será obra do seu filho Salomão. A oração da Dedicção do templo²⁶ apoia-se na promessa de Deus e na sua aliança, na presença activa do seu nome no meio do seu povo e na memória das magníficas proezas do êxodo. O rei levanta então as mãos para o céu e suplica ao Senhor por si próprio, por todo o povo, pelas gerações futuras, pelo perdão dos seus pecados e pelas suas necessidades de cada dia, para que todas as nações saibam que Ele é o único Deus e o coração do seu povo Lhe pertença inteiramente.

CIC 583-586: Jesus e o Templo

583 Jesus, como antes d'Ele os profetas, professou pelo templo de Jerusalém o mais profundo respeito. Ali foi apresentado por José e Maria, quarenta dias depois do seu nascimento²⁷. Na idade de doze anos, decidiu ficar no templo para lembrar aos seus pais que tinha de Se ocupar das coisas de seu Pai²⁸. Ao templo subiu todos os anos, ao menos pela Páscoa, durante a vida oculta²⁹. O seu próprio ministério público foi ritmado pelas peregrinações a Jerusalém nas grandes festas judaicas³⁰.

584 Jesus subiu ao templo como quem sobe ao lugar privilegiado de encontro com Deus. O templo é para Ele a casa do seu Pai, uma casa de oração, e indigna-Se com o facto de o átrio exterior se ter tornado lugar de negócio³¹. Se expulsa os vendilhões do templo é pelo amor zeloso a seu Pai: «Não façais da casa do meu Pai casa de comércio». «Os discípulos recordaram-se de que estava escrito: “O zelo pela tua casa devorar-me-á” (Sl 69, 10)» (Jo 2, 16-17). Depois da ressurreição, os Apóstolos guardaram para com o templo um respeito religioso³².

585 No entanto, nas vésperas da sua paixão, Jesus anunciou a ruína deste esplêndido edifício, do qual não ficaria pedra sobre pedra³³. Há aqui o anúncio dum sinal dos últimos tempos, que vão iniciar-se com a sua própria Páscoa³⁴. Mas esta profecia pôde ser referida de modo deturpado por falsas testemunhas, quando do interrogatório a que Jesus foi sujeito em casa do sumo-sacerdote³⁵ e ser-Lhe lançada em rosto, como injúria, quando agonizava, pregado na cruz³⁶.

²⁶ Cf. *I Rs* 8, 10-61.

²⁷ Cf. *Lc* 2, 22-39.

²⁸ Cf. *Lc* 2, 46-49.

²⁹ Cf. *Lc* 2, 41.

³⁰ Cf. *Jo* 2, 13-14; 5, 1.14; 7, 1.10.14; 8, 2; 10, 22-23.

³¹ Cf. *Mt* 21, 13.

³² Cf. *Act* 2, 46; 3, 1; 5, 20-21; etc.

³³ Cf. *Mt* 24, 1-2.

³⁴ Cf. *Mt* 24, 3; *Lc* 13, 35.

³⁵ Cf. *Mc* 14, 57-58.

³⁶ Cf. *Mt* 27, 39-40.

586 Longe de ter sido contra o templo³⁷ onde proclamou o essencial da sua doutrina³⁸, Jesus quis pagar o imposto do templo, associando a Si Pedro³⁹, que Ele acabara de estabelecer como pedra basilar da sua Igreja futura⁴⁰. Mais ainda: identificou-Se com o templo, apresentando-Se como a morada definitiva de Deus entre os homens⁴¹. Por isso é que a sua entrega à morte corporal⁴² prenuncia a destruição do templo, a qual vai assinalar a entrada numa nova idade da história da salvação: «Vai chegar a hora em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai» (*Jo* 4, 21)⁴³.

³⁷ Cf. *Mt* 8, 4; 23, 21; *Lc* 17, 14; *Jo* 4, 22.

³⁸ Cf. *Jo* 18, 20.

³⁹ Cf. *Mt* 17, 24-27.

⁴⁰ Cf. *Mt* 16, 18.

⁴¹ Cf. *Jo* 2, 21; *Mt* 12, 6.

⁴² Cf. *Jo* 2, 18-22.

⁴³ Cf. *Jo* 4, 23-24; *Mt* 27, 51; *Heb* 9, 11; *Ap* 21, 22.